

Introdução

É útil falar hoje de indulgências?

Será que os abusos e as polémicas do passado comprometeram totalmente esta prática? Terão razão os que acreditam que essa prática caiu em desuso?

Objectivo – recuperar o sentido profundo e verdadeiro das indulgências como administração misericordiosa da graça de Deus que é confiada à Igreja.

Proponho – partir da Sagrada Escritura e prestar um olhar atento ao testemunho do próprio Senhor Jesus Cristo, no momento da crucifixão.

1. Magistério

A Constituição Apostólica *Indulgentiarum Doctrina* (A doutrina das Indulgências) de Paulo VI foi publicada a 1 de Janeiro de 1967

Definição de Indulgência, proposta pela constituição *Indulgentiarum Doctrina* é clássica. Encontramo-la, sucessivamente, no Manual da Indulgências, no Código de Direito Canónico, no Catecismo da Igreja Católica:

Indulgência é a remissão, perante Deus, da pena temporal devida aos pecados cuja culpa já foi apagada; remissão que o fiel, devidamente disposto obtém em certas e determinadas condições, pela acção da Igreja, a qual, enquanto dispensadora da redenção, distribui e aplica, com autoridade, o tesouro das satisfações de Cristo e dos Santos” (CIC 1471).

2. A Graça e Misericórdia de Deus – Conceito Bíblico

“O ponto de partida para compreender a indulgência é a abundância da misericórdia de Deus, manifestada na cruz de Cristo. Jesus crucificado é a grande “indulgência” que o Pai ofereceu à humanidade, mediante o perdão das culpas e a possibilidade da vida filial (cf. *Jo* 1, 12-13) no Espírito Santo (cf. *Gl* 4, 6; *Rm* 5, 5; 8, 15-16)”.

Isto leva-nos a reflectir sobre dois pontos fundamentais. Em primeiro lugar:

a) *Na relação entre misericórdia e caridade*

S. Paulo na Carta aos Efésios 2, 4-10.

S. Lucas (bom samaritano) faz-nos compreender quem é o nosso próximo (Lc 10, 30-37).

“*Vasos de misericórdia*”

Romanos 9, 15-16; Romanos 9, 22-24.

– Par nós, hoje, as indulgências dão-nos esta possibilidade única de que uma sincera conversão de coração que leva à prática das boas obras e a uma manifestação pública da mesma – como é no caso do Ano Santo passar por uma na Porta Santa – nos coloca num estado de quase perfeição completa.

b) *No centro do anúncio cristão está a justiça. Devemos assumir esta justiça tendo com ponto de partida Jesus Cristo (centralidade cristológica)*

Carta de Tim 2, 5-6: “⁵Há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, o homem Jesus Cristo...

– A doutrina e a prática das indulgências não pode ser compreendida e apreciada de um ponto de vista meramente sociológico ou histórico, mas na perspectiva da revelação de Cristo que deixou à Sua Igreja o mandato de realizar, e levar a bom termo, a obra da misericórdia divina. Uma obra que ao longo dos séculos teve o seu aprofundamento, quer do ponto de vista doutrinal como experimental, colocando em primeiro plano o papel ministerial de que esta revestida a Igreja de Cristo.

– Sem esquecer que tudo isto se realiza a nível pessoal, onde uma manifesta vontade de se associar a este plano salvífico deve ser explícita para receber esses dons.

3. Papel da Igreja e do Ministério Petrino

São João Paulo II: “A Igreja dispensadora de graça, por vontade expressa do seu Fundador, proporciona a todos os fiéis a possibilidade de acesso, mediante a indulgência, ao dom total da misericórdia de Deus; mas, para isso, requer que haja a plena disponibilidade e a necessária purificação interior, uma vez que a indulgência não é separável da virtude e do Sacramento da Penitência” (APR 8 §3).

Se olharmos para os números 14, 15 e 16 da Constituição Dogmática sobre a Igreja do Concílio Vaticano II (*Lumen gentium*), podemos chegar a um esquema ilustrativo do papel da Igreja em geral para a salvação e também do seu papel específico na administração das indulgências.

4. Um tesouro ao longo dos tempos – história

Não podemos deixar de lado aquilo a que chamámos “memória ferida” a propósito das indulgências.

Os Abusos

Depois de uma caminhada que começou em 1965, foi possível abrir a Porta Santa da Basílica de São Paulo Fora de Muros a “seis mãos”, isto é pelo Papa São João Paulo II, o Primaz da Igreja Anglicana e o representante do Patriarca Ecuménico de Constantinopla.

S. Paulo aos Gálatas recorda que: “*Quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho*” (Gal 4, 4). Todas as narrações que se referem ao Verbo feito Homem se iniciam com uma data e um lugar. “Naquele tempo”; “No ano de graça”, “Numa terra estrangeira”.

O Jubileu no Cristianismo, como na tradição hebraica, assume uma importância fundamental. “*A plenitude do tempo identifica-se com o mistério da Encarnação do Verbo*”.

Conclusão – O presente Jubileu

As atitudes necessárias para usufruir as indulgências neste Ano Santo, são condições espirituais, acções específicas (boas obras), obtendo, assim, frutos espirituais. Para isso, também hoje, a criatividade tem um papel importante, isto é, entendida como a possibilidade aberta de as diferentes pessoas, em diferentes lugares, com diferentes culturas, poderem encontrar um modo próprio, uma atitude própria, de o manifestar.

No dia 7 de Dezembro de 2015, o Bispo de Rustavi, na Geórgia, Mons. Giuseppe Passoto escreveu aos seus fiéis, a propósito desta Ano Santo e da abertura da Porta Santa. Esta porta foi construída num terreno onde há três anos se tenta construir uma igreja dedicada à Divina Misericórdia, e que até hoje, sem motivo, não foi dada autorização de fazê-lo:

“O que é que encontramos depois de atravessar a soleira da porta?”

Veremos o imenso, o não calculado, a terra do homem que se encontra com o céu de Deus. Eu. Poderemos pensar a própria porta do ano santo como uma porta sem o edifício igreja, para entender que a misericórdia não tem paredes nem confins, não tem tecto que impeça de ver a luz do sol nem as estrelas, não tem limites para além dos quais não se possa passar, não tem proprietário porque é de todos, não tem lugares nem assentos reservados para individualidades, nem tao pouco lugares para se sentar porque pede para ser sempre activos, disponíveis, pronto para os outros... não tem nada porque é tudo!

É mesmo uma porta sem igreja, sem muros, é a Porta Santa... ela recordará que a Misericórdia de Deus é imensa, que a misericórdia de Deus é para todos, que não há ninguém que não possa ser abraçado por ela, que a Misericórdia permite à terra de tocar o céu em direcção àquilo que é eterno, infinito, como somente o é o amor.

A Misericórdia permite ao homem de ser como DEUS!... E nós passando aquela porta, manifestaremos a vontade de entrar no coração de Deus. Do Deus chamado Misericórdia, que vive as situações dos outros tocando-o nas suas vísceras mais profundas, entranhas de pai, entranhas de mãe! Nesta grandeza, infinito e eternidade que não se podem medir nem conter, sentir-nos-emos pequenos no nosso pecado, quase atordoados, capazes de dizer somente, mas com consciência “*Kyrie eleison*” – “Senhor, tem piedade de nós”.

É um dom que Deus nos dá e não queremos perdê-lo, não queremos desperdiçar esta ocasião que é uma graça”.
Fim de citação.